



LAZER E TRABALHO: relações e significados para velhos aposentados

LEISURE AND WORK: relationships and meanings for old retirees

ÂNGELA ROBERTA LUCAS LEITE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ(UFPI)
MARIA DO SOCORRO SOUSA DE ARAUJO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO(UFMA)

Resumo:

Este estudo tem por finalidade identificar os significados de lazer e trabalho na aposentadoria produzidos por velhos aposentados do serviço público estadual do Maranhão. A identificação dessas concepções e possíveis articulações entre si está fundamentada teórico-metodologicamente nas ferramentas analíticas de Pierre Bourdieu através da adoção das categorias *habitus* e *região*. Utilizamos como parte dos procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, entrevistas e observação direta. Como resultados, identificamos que as categorias lazer e trabalho se complementam, produzindo significados que admite uma relação ora próxima, ora distante, conforme a trajetória de vida de cada entrevistado.

Palavras-chave: Lazer. Trabalho. Aposentadoria. Velhice.

Abstract:

This study aims to identify the meanings of leisure and the work in the retirement produced by retirees of the state public service of Maranhão. The identification of these conceptions and possible articulations between them is based theoretically-methodologically on the analytical tools of Pierre Bourdieu through the adoption of the categories *habitus* and *region*. We used as part of the methodological procedures: bibliographic review, interviews and direct observation. The in results, we identify that the categories of leisure and work complement each other, producing meanings that admit a relationship that is now close, now distant, according to the life trajectory of each interviewee.

Keywords: Leisure. Job. Retirement. Old age



1 INTRODUÇÃO

Lazer e trabalho são categorias socialmente construídas na história das sociedades, sendo que a busca pelos seus significados se tornaram objetos de disputas e conflitos ao longo do tempo. Nesse sentido, as representações dessas categorias apoiam-se em critérios de classificação social (*região*ⁱ), que possibilitam determinar o que são (ou não) atividades consideradas de lazer e trabalho. À medida que agentes ou instituições sociais adotam esses critérios como distinção social, impõem-se, de forma arbitrária, as (in) definições de lazer e trabalho em função de seus interesses.

No presente trabalho nos propomos a analisar os significados atribuídos às categorias lazer e trabalho pelos velhos aposentados no contexto do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), no município de São Luís, Maranhão, considerando que classificar e definir tais categorias não são tarefas simples, pois a aposentadoria na velhice não é um processo idêntico para todos, e dependendo do conceito de aposentadoria e velhice que o velho assume, ele se posiciona também em relação às categorias lazer e trabalho.

Assim, visamos identificar os significados de lazer e trabalho produzidos por aposentados participantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís-MA a partir do *habitus*ⁱⁱ incorporado e interiorizado em suas trajetórias de vida. As concepções de lazer e trabalho são pensadas e articuladas com os significados de aposentadoria e velhice, como produtos de disputa política visando a imposição de uma identidade, reconhecida e legitimada como oficial.

Cabe ressaltar que os significados de aposentadoria e velhice adotados aqui são determinados por critérios de classificação que distinguem o “ser velho” (velhice como *região*). Dessa forma, lazer e trabalho podem possuir estreita relação com a aposentadoria, o que nos leva a questionar: como os velhos aposentados percebem e classificam as categorias lazer e trabalho? Quais os critérios acionados para identificação do lazer e trabalho? Quais as possíveis aproximações e os afastamentos realizadas por velho (a)s em relação à aposentadoria na atualidade?

Fundamentamos nossa posição a respeito da utilização das categorias velhice e velho por acreditar que tais concepções são socialmente manipuladas e manipuláveis e estão em constante transformação (BOURDIEU, 1983) e, em nossa percepção, o uso



desse termos não acrescentam à imagem da pessoa ‘envelhecida’ valores depreciativos e discriminatórios. Pelo contrário, assim como Zimerman (2000), acreditamos que depreciativo é substituir tais palavras por eufemismos, como se a velhice e ‘ser velho’ fossem defeitos que precisassem ser ocultados.

O entendimento acerca da velhice como uma espécie de segredo vergonhoso do qual era indecente falar, conforme ressalta Beauvoir (1990), dá espaço as representações de ‘velhice ativa’ e ‘aposentados ativos’ no Brasil, o que tem favorecido para “desconstruir a representação dos mais velhos como um encargo para a família e para a sociedade”. Segundo Simões (2004), o aposentado, na atualidade, não se livra da incumbência de sustentar sua família, pelo contrário, tende a aumentar as despesas em virtude dos gastos com remédios, planos de saúde ou no auxílio financeiro aos filhos e netos.

Em relação aos fundamentos teóricos, utilizamos as ferramentas analíticas de Pierre Bourdieu (2013) a respeito de *habitus e região* para identificar, no contexto do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), no município de São Luís, Maranhão, quais os significados atribuídos às categorias lazer e trabalho para os aposentados. A pesquisa constituiu-se numa abordagem qualitativa, com utilização das técnicas de revisão bibliográfica acerca das categorias velhice, aposentadoria, lazer e trabalho; entrevistas semiestruturadas; e observação direta. Foram realizadas 14 entrevistas com cinco homens e nove mulheres, a sua maioria com idade entre 70 e 79 anos, com formação superior, solteiros, que vivem com a renda de um salário-mínimo. Todos os entrevistados são pessoas aposentadas vindas da Administração Pública do Estado do Maranhão e frequentam o PAI entre 1 à 5 anos interruptos.

A definição do número de sujeitos entrevistados deu-se pela saturação qualitativa, ou seja, pela repetição dos dados, quando as informações obtidas estavam confirmadas o suficiente e a inclusão de novas não inferiam nova contribuição para a pesquisa (GIL, 2002).

Para preservação da identidade dos entrevistados, associamos seus nomes a nome de estrelas (astros que possuem luz e brilho próprios). A analogia proposta remete o brilho e esplendor de uma estrela à energia e à força existencial que emanam dos velhos e velhas integrantes do PAI, isto significa dizer que, brilho estaria relacionado à sua condição de ser velho, numa tentativa de ruptura com os estigmas e estereótipos comumente relacionados à condição de ser velho. Após a classificação dos dados,



analisamos os depoimentos dos entrevistados, evidenciando suas falas a fim de delinear quais significados são produzidos a respeito das distintas relações entre lazer e trabalho.

2 SIGNIFICADOS DE LAZER E TRABALHO NA APOSENTADORIA A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE VELHOS APOSENTADO

Nas entrevistas com os aposentados identificamos diferentes critérios utilizados para acionar a concepção de lazer. Essa diversidade de compreensão acerca do que é o lazer foi inclusive destacada por um entrevistado, nos seguintes termos: *“Existe várias maneiras de se ver o lazer”*. (Sr. Alfa Centauriⁱⁱⁱ).

E em seguida o Sr. Alfa Centauri explicita o que ele compreende como lazer ao afirmar que:

“É aquilo que foge do cotidiano que a gente faz naturalmente. Dar a si mesmo o prazer de algo diferente. É aquilo que a gente faz como se tivesse fazendo uma terapia”. (Sr. Alfa Centauri).

Quando o Sr. Alfa Centauri aciona em primeiro lugar a interpretação do lazer como sendo uma fuga do cotidiano desvela o significado de lazer como um tempo livre, liberado das diversas atividades rotineiras, no qual está incluso o trabalho. A esse respeito, Dumazedier (1979) ressalta que a atividade de lazer possui uma fração considerável dentro do tempo livre, colocando-a como um pressuposto do trabalho, ou seja, as atividades de lazer acontecem em um tempo liberado do trabalho. Assim, o tempo de lazer só existiria em detrimento do tempo de trabalho, ou vice-versa.

Vale ressaltar que a interpretação dicotômica entre lazer e trabalho surge nas sociedades industriais, devido às condições de trabalho que o modelo capitalista nesta época estabelecia: os operários buscavam uma forma de compensar as frustrações geradas pelas condições precárias de trabalho. Segundo Gomes (2004; 2008), o capitalismo gestado da Revolução Industrial marcou a relação do homem com o trabalho lazer e trabalho, segmentando o tempo da sociedade, tornando-o mecânico e artificial. O ser humano passou a ter suas rotinas diárias subjugadas ao tempo, sendo este dividido em tempo de trabalho, dedicado à produção e tempo ‘fora-do-trabalho’ dedicado ao repouso na reprodução da força de trabalho.

O entrevistado ainda associa ao lazer a ideia de algo prazeroso e diferenciado, que se faz como se tivesse fazendo uma terapia. Nesse sentido, o lazer possui como

característica a busca do prazer, sendo que sua manifestação - *pele prazer*- possibilita atravessar tanto as transformações do mundo da vida como as inovações dos sistemas. Assim, o lazer estaria fundamentado e definido a partir da sociabilidade espontânea, “constituída no mundo da vida, e não no mundo do trabalho presente no sistema poder e moeda” (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008, p. 100). Segundo Almeida e Gutierrez (2008) o lazer pode ser pensado e discutido desvinculado da categoria do trabalho, visto que não teria relação oposta como o mundo do trabalho, e sim, estaria inserido no chamado mundo das relações e da comunicação. A categoria trabalho ao invés de ser determinante, é vista com potencial de igualdade em relação às demais esferas da vida social (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008), configurando a ideia de complementariedade. Contudo, segundo Elias e Dunning (1985, p. 106), “trabalho, de acordo com a tradição, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo; o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência”, o que dificulta o entendimento de ambas categorias assumirem o mesmo nível de importância nas sociedades atuais.

O lazer, quando observado como um tempo de distração, de diversão, de entrega, incide ainda na ideia de contemplação, capaz de gerar atitudes e reações que alteram os padrões de comportamento impostos pela sociedade contemporânea. Na fala da *Sra Vega*^{iv}, observamos a ideia de lazer associada à contemplação.

“Significa se divertir, você se entregar a alguma atividade, ficar esquecido das preocupações do mundo, você ficar concentrado em se divertir”. (Sra. Vega).

Para a *Sra. Vega*, o lazer é o momento em que as pessoas podem relaxar, descontraírem-se e se divertir, entregando-se a uma atividade prazerosa em sua plenitude a ponto de esquecer as preocupações externas. Gutierrez (2001, p.13) adota o entendimento do lazer na busca incessante pelo prazer pessoal, sendo enfático ao dizer que “não existe lazer sem a expectativa de realizar alguma forma de prazer”, pois o prazer é uma categoria fundamental, capaz de garantir especificidade ao lazer e distingui-lo das demais atividades sociais. A busca pessoal pelo prazer remete a uma possível felicidade, ou seja, “uma sensação complexa, subjetiva e que varia em função de cada conjuntura [...], privilegiando única e exclusivamente a sua realização pessoal e egoísta” (GUTIERREZ, 2001, p. 13-14). Verifica-se, portanto, que a interpretação do lazer pela entrevistada invoca a necessidade humana de experimentar as sensações

agradáveis produzidas durante as atividades de lazer, repercutindo em todas as esferas da vida e trazendo a possível sensação de bem-estar consigo mesma.

Assim, a busca por atividades consideradas de lazer pode estar carregadas de valores subjacentes, implícitos nas atitudes de quem o pratica, seja essa busca decorrente de fatores como uma forma de compensações do dia-a-dia, de reposição de energias ou como vivência dessas práticas, possibilitando assim experiências do fazer por prazer, por livre escolha e realização pessoal.

Quando um sujeito escolhe uma determinada atividade de lazer para contemplar, suas atitudes estão dotadas de cargas afetivas, cognitivas e comportamentais^v, o que reflete naquilo que ele pensa, sente e tem a intenção de fazer com relação à atividade escolhida. Ao ser questionado sobre o porquê da escolha da atividade que considera de lazer, o Sr. *Antares*^{vi} a justifica ao recordar-se do que já fizera como atividade de trabalho:

“Quando mais jovem eu era artista (referindo-se a sua paixão pela alfaiataria). Era o que eu gostava de fazer! ”. (Sr. Antares).

Em sua fala, o Sr. *Antares* ressalta que durante a prática da alfaiataria, teve afinidades com a música e o vocal, muito antes de se aposentar e de frequentar as atividades do PAI. Por gostar de cantar e ouvir música enquanto costurava, justifica sua escolha pela atividade no canto coral, conforme explícito no trecho: *“era minha paixão, o que gostava de fazer”*. (Sr. *Antares*).

Assim as escolhas por uma atividade que considera de lazer remontam à construção da história de vida desses aposentados. O *habitus* adquirido e incorporado durante sua trajetória de vida pelas práticas sociais, fundamenta as condutas regulares, que por conseguinte, leva à distintos estilos de vida. São essas disposições que guiam o ser, o estar e o agir de cada indivíduo no mundo, conforme revela Bourdieu (2007). Dessa forma, o *habitus* do aposentado entrevistado, que teve sua origem no comportamento, nas preferências e gostos pelo ofício de alfaiate refletiu nas suas práticas de lazer.

Verificamos ainda no depoimento do Sr. *Antares* a interpretação do trabalho como lazer ao mencionar que sua paixão era o ofício de alfaiate. Melo e Alves Júnior (2003) relatam que o trabalho pode ser considerado uma forma de lazer, à medida que traga ao indivíduo prazer e satisfação pessoal. A concretização das atividades de lazer pode (ou não) ocorrer no tempo/ espaço inverso ao trabalho, em relação com o tempo



das obrigações, sejam elas profissionais, sociais ou familiares, ou seja, uma complementariedade às atividades de obrigação.

Contudo, conforme Lazzareschi (2009) enfatiza, são poucos os “privilegiados” que encontram na realização de suas atividades laborais a oportunidade de desenvolvimento pessoal, sendo quase impossível associar lazer e trabalho como atividades prazerosas. No discurso da Sra. *Aldebaran*^{vii} fica evidente a negatividade associada a categoria trabalho por representar um empecilho à realização do lazer durante sua trajetória de vida. Com a chegada da aposentadoria, teria conseguido aproveitar o que não pôde usufruir quando mais jovem, conforme relata no depoimento a seguir:

“Eu trabalhei muito na minha vida e quando era jovem não podia ter lazer. Essa é que é a verdade! Ai trabalhava de manhã, de tarde e de noite, cuidava de filho, tomava conta de casa. Agora eu estou descontando o velho e o novo”. (Sra. Aldebaran).

Desta forma, ao aproximar lazer e trabalho, percebemos que o lazer assume a concepção de um tempo dedicado para si, como um momento de vivenciar uma atividade prazerosa, que até então não poderiam ser realizadas por conta das atividades profissionais. Lazzareschi (2009, p. 147) pondera a distinção que a grande maioria dos trabalhadores faz sobre lazer e trabalho, como sendo

Dois momentos paralelos, por viver o trabalho como verdadeiro fardo, castigo, punição, desde a consolidação do modo de produção capitalista, dadas as condições nas quais se organiza e se realiza e por viver o tempo livre como tempo de libertação das agruras do trabalho, tempo para dedicar-se à atividade de livre escolha e altamente prazerosas.

Assim, a obrigação, a necessidade e a responsabilidade com as atividades rotineiras impossibilitaram a entrevistada de vivenciar o lazer, conseqüentemente, a felicidade e o bem-estar pessoal estariam resumidos em pequenos momentos longe do trabalho, em instantes de lazer.

Observamos ainda a questão da centralidade do trabalho na trajetória de vida da Sra. *Aldebaran*, o que reforça as máximas expressas em trechos bíblicos como "comerás o pão com o suor de teu rosto" (Bíblia, 1992, Gn. 3,19) e “Se alguém não quiser trabalhar, também não coma” (Bíblia, 1992, Te. 4,11) e nos leva a entendimentos de trabalho como uma obrigação ao qual o homem estaria condenado a exercer. Quando o trabalho assume centralidade na vida dos trabalhadores, ele se torna uma referência social, não apenas por subsidiar as condições financeiras, mas por ser um denominador de motivação, autorrealização e autoestima do trabalhador. Nesse sentido, Freud (1987,



p.n) pondera que não imaginaria sua vida sem trabalho: “Não posso imaginar que uma vida sem trabalho seja capaz de trazer qualquer espécie de conforto. A imaginação criadora e o trabalho para mim andam de mãos dadas; não retiro prazer de nenhuma outra coisa”.

Quando as relações de trabalho são interrompidas pela aposentadoria, o indivíduo se vê, muitas vezes, diante de perdas não apenas financeira e social, mas psíquica e pessoal. Santos (1990) ressalta a importância do lazer na vida dos aposentados quando vivenciado de forma mais concreta, pois para alguns, suas atividades laborais foram suspensas com a aposentadoria. É nesta fase da vida que as atividades de lazer podem ser consideradas centrais para a maioria do aposentado e ocupam um papel importante na vida, na questão de preenchimento do tempo e espaço deixados pelo afastamento do trabalho (SANTOS, 1990).

Todavia, nem todo aposentado desfruta seu tempo livre para o lazer. Muitas vezes, esse tempo é substituído por obrigações domésticas, trabalhos informais ou até uma nova profissão. Nas entrevistas, observamos que mesmo aposentadas, algumas pessoas ainda continuavam a trabalhar (tanto na formalidade, quanto na informalidade), o que pode advir de várias razões articuladas ao *habitus* adquirido em suas trajetórias de vida. A Sra. *Sirius*, 79 anos, estudou até a quarta série do ensino fundamental, teve 11 filhos e vive com uma renda de um salário mínimo advinda da aposentadoria. Ela descreve que não consegue sobreviver com o provento da sua aposentadoria e de esposo e por isso, faz bonecos e tapetes para vender, sendo uma forma de complementar a sua renda. Há situações, em que a renda dos aposentados é a principal (ou a única) fonte de sustento (CAMARANO; PASINATO, 2004).

O Sr. *Spica*^{viii} conta que mesmo aposentado continuou a trabalhar, como instrutor de trânsito e palestrante.

“Tenho alunos que dou treinamento para dirigir e faço palestras para idosos a respeito de trânsito”. (Sr. Spica).

Diante do exposto, observamos que as atividades profissionais, continuam presente na vida do Sr. Spica, mesmo depois da aposentadoria, o que demonstra a presença do aposentado no mercado de trabalho cada vez mais marcante na conjuntura da economia do nosso país, onde o mesmo é ‘motivado’ (e por que não disser obrigado) a buscar novas atividades de complementação da renda por conta própria ou até mesmo postergar a sua aposentadoria (CAMARANO; PASINATO, 2004). Assim, conforme a



PNAD, no Brasil em 2013, 69% idosos estavam desenvolvendo trabalhos informais (PNAD, 2015).

Para Felix (2016), os aposentados são devolvidos ao mercado em situação trabalhista precária, já que a tendência é aceitar vagas com baixas (ou nenhuma) garantias trabalhistas. Vale ressaltar ainda a própria negação do mercado em contratar esses aposentados, sob alegação que são improdutivos ou incapazes para continuar a trabalhar. Além do mais, a legislação brasileira não pondera sobre a questão de empregabilidade para as pessoas com idade acima dos 60 anos, obrigando o trabalhador a se aposentar, sem levar em consideração os fatores econômicos, sociais e culturais ao qual está imerso. A esse respeito, Felix (2016, p. 247) destaca que

Assumiu-se que o crescimento econômico, por si só, ofereceria empregabilidade e que a elegibilidade para a aposentadoria do idoso do futuro estaria garantida. Tampouco o Estado brasileiro preocupou-se em envolver as empresas privadas neste esforço fiscalista, com medidas de incentivo à manutenção do emprego dos mais velhos, requalificação ou programas de preparação para a aposentadoria mais tardia.

Assim, a continuidade no mundo do trabalho não significa apenas um modo de garantir a sobrevivência ou de complementar a renda da família desses aposentados; envolve também sentimentos de prazer e satisfação de continuar a trabalhar. É nesse caso, que podemos inferir que o trabalho para os aposentados não significa um término de vida, ou necessariamente a chegada da velhice, mas sim, pode ser caracterizado como uma forma de lazer, à medida que as atividades desenvolvidas possibilitem o contato com os componentes de satisfação pessoal.

CONCLUSÃO

Nos depoimentos extraídos das entrevistas, verificamos que os significados de lazer e trabalho ora se complementam, ora se opõem, à medida que os aposentados as relacionam com suas trajetórias de vida. Diante disso, percebemos que tais significados estão carregados de sentidos positivos ou negativos, a depender das condições de como eles vivenciaram essas categorias em suas vidas e da forma como as relacionam com a aposentadoria. Nesse sentido, o habitus desses aposentados tornam-se princípios geradores e organizadores de práticas e representações das categorias lazer e trabalho, em que a percepção individual, orientada pela representação coletiva, influencia nas preferências, nos valores, nas atitudes e nos comportamentos adotados por esses



indivíduos, enquanto grupo social, que por sua vez, são traduzidos e incorporados por eles em modos de agir (BOURDIEU, 2010).

Constatamos que alguns dos entrevistados vivenciaram a dicotomia lazer e trabalho em suas vidas, sendo as atividades de lazer desfrutadas em um tempo liberado do trabalho. Em algumas situações, detectamos que o lazer na vida dos aposentados ocupou um lugar secundarizado e inferiorizado quando a centralidade do trabalho passou a subjugar suas relações produtivas e sociais.

O lazer é associado ainda à busca do prazer a partir da sociabilidade espontânea. Nesse sentido, a categoria trabalho ao invés de ser determinante, é vista com equidade e complementariedade em relação às demais esferas da vida. E com o advento da aposentadoria, há possibilidade de vivenciar o lazer no PAI em sua plenitude, já que para alguns dos entrevistados, suas atividades laborais foram suspensas e o lazer assume o papel central de ocupar e preencher o tempo e espaço até então ocupados pelas atividades profissionais.

Em outros casos, a aposentadoria formal não significa a ruptura definitiva com o mundo do trabalho. Pelo contrário, os entrevistados demonstraram que, em certos casos, a renda advinda da aposentadoria não cobre as necessidades de manutenção de sua família e para complementar a renda, alguns deles continuam no trabalho formal ou enveredam pela informalidade.

Vale ressaltar que em muitos casos os aposentados são obrigados a aposentar-se e necessitam continuar a trabalhar, ficando à mercê das precariedades do mercado de trabalho, sem leis que assegure seu possível retorno ao mundo formal do trabalho. A dificuldade de (re) ingressar no mercado de trabalho se dá muitas vezes por fatores estigmatizantes associados à velhice e à aposentadoria, bem como a própria inviabilidade desses sujeitos nas amplas formas de organização política.

Nesse sentido, identificar como as categorias lazer e trabalho se configuram no imaginário social dos velhos aposentados constitui-se de fundamental importância, pois tais concepções estão fundamentadas em critérios que permitem desnaturalizar estigmas e preconceitos ainda presentes no Maranhão e no Brasil.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luís. **Cultura e Lazer: UMA APROXIMAÇÃO HABERMASIANA**. In: Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, 74: 93-130, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452008000200005. Acesso em 02.03.2018.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Referência Thompson. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção**. São Paulo: Respectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13 ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf. Acesso em: 22.02.2018.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1985.
- FELIX, Jorge. O Idoso e o mercado de trabalho. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/161006_livro_politica_nacional_idosos.PDF. Acesso em: 22.02.2018.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Ocorrência histórica. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.133-141.
- GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- GUTIERREZ, Gustavo Luís. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- LAZZARESCHI, Noemia. **Sociologia do trabalho**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.
- MELO, Vitor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Malone, 2003.

MELO, Vitor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Malone, 2003.

PNAD. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2013**. In: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. 2. ed. - Rio de Janeiro : IBGE, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>. Acesso em: 02.03.2018.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 27. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SIMÕES, Júlio de Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice; CLAVAIOLLE, Françoise (Orgs.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: Aspectos Biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ⁱ Com relação ao ato de autoridade, que consiste em delimitar uma *região*, ou um grupo social, Bourdieu (2010, p.114) descreve que: “Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por está firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia”.

ⁱⁱ A respeito do *habitus*, Bourdieu (2013, p. 87) o concebe como: “Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los”.

ⁱⁱⁱ O sr. *Alfa Centauri* tem 92 anos, viúvo, quatro filhos, mora com seus funcionários. Possui ensino médio completo, trabalhava como técnico de construção em ferrovia e atualmente vive com uma renda de 1 salário mínimo. Frequenta o PAI há 5 anos.

^{iv} A sra. Vega tem 68 anos, solteira, sem filhos, mora sozinha. Possui ensino superior, trabalhava como técnico administrativo e atualmente vive com uma renda de 7 salários mínimos. Frequenta o PAI há 8 anos.

^v As atitudes podem ser agrupadas em três principais componentes, conforme cita Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009): componente cognitivo – as crenças de pessoa em relação a produtos, organizações, pessoas, fatos ou situações; componente afetivo – sentimento das pessoas em relação a produtos, organizações, pessoas, fatos ou situações; componente comportamental – predisposição para uma reação comportamental em relação a um produto, organização, pessoa, fato ou situação.

^{vi} O sr. *Antares* tem 71 anos, solteiro, sem filhos, mora com amigos. Possui ensino médio completo, trabalhava como faxineiro e atualmente vive com uma renda de 1 salário mínimo. Frequenta o PAI há 6 anos.

^{vii} A sra. Aldebaran tem 69 anos, casada, dois filhos, mora com esposo. Formada em letras, trabalhava como professora e atualmente vive com uma renda de 10 salários mínimos. Frequenta o Pai há 1 ano.

^{viii} Sr. Spica tem 65 anos, solteiro, 5 filhos, mora com a namorada. Formado em engenharia e atualmente vive com uma renda de 3 salários mínimos, a incluir as atividades informais. Frequenta o PAI há 2 anos.